

GÊNERO E SUAS INTERSECCIONALIDADES NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DO COLETIVO *NÓS, MULHERES DA PERIFERIA*¹

GENDER AND ITS INTERSECTIONALITIES IN THE AUDIOVISUAL
PRODUCTION BY *NÓS, MULHERES DA PERIFERIA* COLLECTIVE

GÉNERO Y SUS INTERSECCIONALIDADES EN LA PRODUCCIÓN
AUDIOVISUAL DEL COLECTIVO *NÓS, MULHERES DA PERIFERIA*

Nara Lya Cabral Scabin

■ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (UAM).

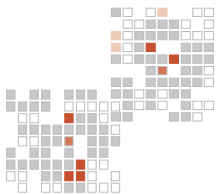
■ E-mail: naralyacabral@yahoo.com.br

Bárbara Maria Santos de Lima

■ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), com bolsa CAPES/PROSUP.

■ E-mail: bambaralima@gmail.com

99



1. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Considerando a emergência de um cenário midiático em que veículos periféricos colocam as interseções de gênero, raça, classe e território no centro de suas práticas discursivas, o presente trabalho buscou analisar materiais audiovisuais produzidos em 2020 e 2021 pelo coletivo jornalístico *Nós, Mulheres da Periferia*. Assim, com base em um *corpus* de 22 vídeos, verificou-se que a mobilização de marcadores de gênero e suas interseccionalidades desempenha papel fundamental na conformação dos modos de endereçamento presentes na produção audiovisual do coletivo, caracterizada pela constante negociação de marcas estilísticas do telejornalismo de referência.

PALAVRAS-CHAVE: JORNALISMO DAS PERIFERIAS; GÊNERO; MODOS DE ENDEREÇAMENTO; *NÓS, MULHERES DA PERIFERIA*.

ABSTRACT

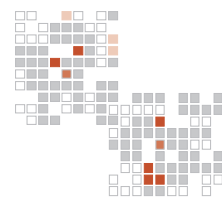
Considering the emergence of a media scenario in which peripheral vehicles place the intersections of gender, race, class and territory at the center of their discursive practices, the present paper intended to analyze audiovisual materials produced in 2020 and 2021 by a Brazilian journalistic collective named *Nós, Mulheres da Periferia*. Thus, based on a *corpus* of 22 videos, we founded out that the mobilization of gender markers and their intersectionalities plays a fundamental role in shaping the ways of addressing in the collective's production, which are characterized by the negotiation of stylistic marks of television journalism of reference.

KEY WORDS: PERIPHERAL JOURNALISM; GENDER; WAYS OF ADDRESSING; *NÓS, MULHERES DA PERIFERIA*.

RESUMEN

Considerando la emergencia de vehículos periféricos que colocan las intersecciones de género, raza, clase y territorio en el centro de sus prácticas discursivas, el presente artículo buscó analizar materiales audiovisuales producidos en 2020 y 2021 por el colectivo periodístico brasileño *Nós, Mulheres da Periferia*. Así, a partir de un *corpus* de 22 videos, hemos constatado que la movilización de marcadores de género y sus interseccionalidades juega un papel fundamental en la conformación de los modos de direccionamiento en la producción audiovisual del colectivo, caracterizada por la constante negociación de marcas estilísticas del teleperiodismo de referencia.

PALABRAS CLAVE: PERIODISMO PERIFÉRICO; GÊNERO; MODOS DE DIRECCIONAMIENTO; *NÓS, MULHERES DA PERIFERIA*.



1. Introdução

Integrante da Rede Jornalistas das Periferias, *Nós, Mulheres da Periferia* é um coletivo de comunicação criado e gerido por mulheres negras e periféricas, com sede na cidade de São Paulo, maior metrópole brasileira. O coletivo conta com as parcerias institucionais da Associação de Jornalismo Digital, do Instituto Ibirapitanga, da organização não-governamental Repórteres sem Fronteiras e da Black Adnetwork, primeira rede de sites pretos da América Latina¹.

Fundado em março de 2014, o *website Nós, Mulheres da Periferia*² nasceu da repercussão gerada pela publicação, dois anos antes, na *Folha de S. Paulo*, de um artigo assinado por Bianca Pedrina, Jéssica Moreira, Mayara Penina, Semayat Oliveira e Patrícia Silva, fundadoras do *Nós*. Intitulado *Nós, Mulheres da Periferia*, o texto discutia a invisibilidade e a violação de direitos das mulheres que vivem nas muitas periferias do Brasil (PEDRINA; MOREIRA; PENINA; OLIVEIRA; SILVA, 2012).

Dentre as diversas frentes de atuação do grupo de comunicadoras, destaca-se a realização, em 2015, no Centro Cultural da Juventude, em São Paulo, da exposição multimídia “QUEM SOMOS [POR NÓS]”, fruto da série de oficinas *Desconstruindo Estereótipos*, que envolveu cerca de 100 mulheres de 17 a 92 anos de diferentes bairros paulistanos e teve como objetivo compreender como as participantes avaliavam suas representações em narrativas midiáticas. A ação resultou também na produção do documentário *Nós, Carolinas*, lançado em 2017 (NÓS, s./d., *online*).

1 Conforme dados disponíveis no *website* do coletivo e verificados em 28 de outubro de 2022.

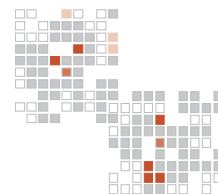
2 No momento de elaboração deste artigo, o *site* conta, em seu menu principal, com cinco editorias fixas – “Análise”, “Comportamento”, “Contexto”, “Histórias” e “Webstories” –, além da seção “Contato”. Também é possível encontrar, na *homepage*, os links “Equipe”, “Apoie” – com informações sobre a campanha de financiamento recorrente do veículo –, “Manifesto” e “Quem somos”. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/>. Acesso em: 28 out. 2022.

Na seção “Quem somos” do *website Nós, Mulheres da Periferia*, o principal compromisso do coletivo é descrito como “oferecer um outro jeito de ver os acontecimentos no Brasil e no mundo e contribuir para a construção de uma sociedade plural, antirracista e não patriarcal”, a fim de “democratizar o debate público e aproximá-lo da realidade brasileira” (NÓS, s./d., *online*).

Nessa proposta editorial, o direcionamento da produção jornalística para um espaço público nacional, traço característico do chamado “jornalismo de referência” (ZAMIN, 2014), é revisitado a partir de um olhar mais inclusivo e democrático a respeito de sua constituição, que se mostra sensível às questões relacionadas às vivências de mulheres negras e periféricas, negligenciadas pela cobertura de veículos tradicionais. Ao mesmo tempo, declarando uma política editorial “transparente com suas leitoras e leitores” e assumindo valores como “ética, confiabilidade e independência” (NÓS, s./d., *online*), o coletivo se filia a valores do jornalismo profissional, atualizando-os à luz de questões de gênero e suas interseccionalidades.

O manifesto de *Nós, Mulheres da Periferia*, disponível em seu site oficial, oferece mais algumas pistas para compreendermos como tais elementos são articulados na política editorial do coletivo. No documento, o destaque conferido à imbricação das dimensões de gênero, raça, classe e território em processos de opressão e exclusão social coloca em cena o caráter relacional de diferentes marcadores identitários (centro/periferia, homem/mulher, branco/não branco, hétero/homossexual, cis/transgênero), como vemos a seguir:

Definir periferia como o centro é inverter uma lógica de segregação e exclusão. Colocar a periferia em destaque é assumir um posicionamento espacial e social.



Em uma sociedade pautada pelo padrão da heteronormatividade – onde homens brancos cis e héteros são os detentores do poder – nascer e tornar-se mulher é estar inevitavelmente à margem. Periferia é enfrentamento.

Diante do racismo estrutural e institucional, a mulher negra é periférica em qualquer endereço. Um corpo negro carrega memórias ancestrais de um passado que insiste em se atualizar, ainda que desde sempre combatido. Periferia é resistência (NÓS, 2021, online).

Explorando os sentidos da palavra “periferia”, o documento inverte estruturas valorativas geralmente associadas a categorias dicotomizadas, afirmando formas de enfrentamento que remetem ao que Lugones descreve como uma resistência a partir do “lócus fraturado da diferença”, uma espécie de “conquista infrapolítica” (LUGONES, 2019, p. 362) frente a um sistema hegemônico de produção de diferenças.

Nesse sentido, é fundamental considerar que a imposição do gênero não diz respeito somente à construção das diferenças entre homens e mulheres, mas sim, a todo um sistema de hierarquias dicotômicas que opera no centro da modernidade colonial. Assim, considerar a colonialidade dos gêneros significa pensar sobre o “processo ativo de redução das pessoas, a desumanização que as qualifica para a classificação, o processo de subjetivação, a tentativa de transformar o colonizado em menos que humano” (LUGONES, 2019, p. 361).

Considerando a recente emergência de ações midiáticas, especialmente entre coletivos de comunicação periféricos, que colocam as interseções de gênero, raça, classe e território no centro de suas práticas discursivas, o presente trabalho busca analisar vídeos disponíveis no

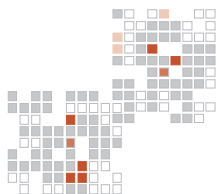
canal de Nós, *Mulheres da Periferia* no YouTube³. A opção por priorizar, neste momento, a produção audiovisual do coletivo – que publica também notícias e reportagens em texto, *podcast* e conteúdos para redes sociais – deve-se a duas razões principais.

Em primeiro lugar, destaca-se a importância que o audiovisual possui na trajetória do próprio coletivo, que teve no lançamento do documentário em curta-metragem *Nós, Carolinas*, em março de 2017, um marco importante para a consolidação de sua atuação. Ao mesmo tempo, pare-nos particularmente decisiva a prevalência de produções audiovisuais dentre os conteúdos gerados por coletivos periféricos, “como se neles o jornalismo televisivo pudesse encontrar um outro sentido, ao mesmo tempo reafirmando e renovando sua função social” (SOARES; VENANZONI, 2020, p. 43).

Dessa forma, é preciso situar a produção de *Nós, Mulheres da Periferia* em um contexto mais amplo definido pela formação de coletivos jornalísticos que produzem e distribuem conteúdos nas/das periferias, propondo inovações nas pautas e em seus modos de apuração, mas também em aspectos estilísticos que asseguram a consolidação e renovação da reportagem audiovisual (SOARES; VENANZONI, 2020).

Esse assim chamado “jornalismo periférico” ou “jornalismo das periferias” pode ser descrito nos termos de um estrato do jornalismo alternativo, caracterizado pela produção de pautas centradas nas realidades de bairros periféricos de grandes cidades (MARTINI, 2018). Segundo Martini

³ Com 1,23 mil inscritos e um total de 28.043 visualizações em 6 de novembro de 2022, o canal do coletivo *Nós, Mulheres da Periferia* disponibilizava, na mesma data, 58 vídeos. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UC3B_3iYaeA-4mayEnW2w_A. Acesso em: 06 nov. 2022.



(2018), o jornalismo das periferias deve ser entendido como *práxis* que se contrapõe à cobertura jornalística hegemônica, marcada pela total ausência ou mera estigmatização das realidades periféricas. Nesse sentido, as produções que emergem das bordas de metrópoles brasileiras diferenciam-se do jornalismo produzido por grupos empresariais dominantes não por um menor apreço por técnicas próprias do jornalismo profissional, mas sim, pela

[...] hierarquização das informações e pela presença de determinadas vozes ou fontes. Tais escolhas passam pelo compromisso público assumido pelos produtores do jornalismo alternativo, cujo objetivo é apresentar aquilo que é omitido pela imprensa tradicional (MARTINI, p.56, 2018).

Tomando essas definições como ponto de partida, o presente trabalho mobiliza, como construto teórico-metodológico central às análises propostas, o conceito de “modo de endereçamento”, considerado a partir dos estudos televisivos e, em especial, do trabalho de Gomes (2011), que permite compreender as práticas de recepção solicitadas em produtos jornalísticos audiovisuais por meio de aspectos estilísticos singulares. Segundo a principal hipótese discutida no artigo, marcadores de gênero, raça, classe e território parecem desempenhar, no caso dos vídeos de *Nós, Mulheres da Periferia*, papel fundamental na materialização de tensionamentos verificados em relação a características discursivas próprias do telejornalismo de referência⁴ e, por conseguinte, nas formas pelas quais o/a espectador/a é convocado a posicionar-se perante as produções.

4 Por “telejornalismo de referência” referimo-nos ao “telejornalismo de horário nobre”, parcela do campo de produção jornalística para TV de grande prestígio porque revestida por uma singular aura de credibilidade funda nas ideologias profissionais do jornalismo ligadas ao ideal de objetividade (NATALINO, 2006).

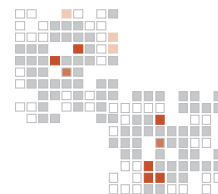
2. Direcionamentos teórico-metodológicos

Diante da relação de interdependência entre enunciador e enunciatário, o conceito de modo de endereçamento diz respeito a uma “orientação para o receptor” (GOMES, 2011, p. 37) e determina o “apelo” que os programas lançam em direção às suas audiências (HARTLEY, 2001). É, portanto, a partir de uma dupla visada – enquanto orientação para a recepção e enquanto especificidade estilística –, que os modos de endereçamento em vídeos do canal *Nós, mulheres da periferia* no YouTube são examinados neste trabalho.

Ao mesmo tempo, o apelo do modo de endereçamento deve ser entendido também em sua força produtora de subjetividades, já que “o discurso também produz um lugar para o sujeito (ou seja, o leitor ou espectador, que também está “sujeito” ao discurso), onde seus significados e entendimentos específicos fazem sentido”, de modo que os/as espectadores/as precisam se “colocar na posição a partir da qual o discurso faz mais sentido, virando então seus ‘sujeitos” (HALL, 2016, p. 100, grifos do autor).

A fim de viabilizar o exame dos modos de endereçamento em vídeos do coletivo *Nós, mulheres da Periferia*, partimos dos operadores analíticos descritos por Gomes (2011) para o estudo do telejornalismo, a saber: (a) **contexto comunicativo**; (b) **pacto sobre o papel do jornalismo**; (c) **mediador/a**; e (d) **organização temática**. Como veremos, buscamos examinar esses quatro operadores analíticos a partir de modulações adequadas às especificidades inerentes ao objeto empírico em foco.

Dessa forma, esperamos compreender de que forma marcadores de gênero e suas interseccionalidades – em especial, raça, classe e território – operam (e se de fato operam) como fatores de conformação dos modos pelos quais os vídeos analisados posicionam e convocam seus/suas espectadores/as. Ao mesmo tempo, embora este trabalho não se apresente na forma de uma análise comparativa, acreditamos que o exame do objeto empírico em foco permita a proposição



de questões e hipóteses significativas sobre aproximações e diferenças nas formas pelas quais o telejornalismo de referência e o jornalismo audiovisual de coletivos periféricos dirigem-se às suas audiências.

A longo do trabalho, seguimos a trilha de Soares e Venanzoni (2020), que, observando produções audiovisuais de coletivos jornalísticos atuantes nas periferias, apontam que essas narrativas não hegemônicas “propõem outros modos de representação de sujeitos periféricos e seus cotidianos, especialmente em torno das temáticas de raça, classe e gênero (...)” (SOARES; VENANZONI, 2020, p. 42), inserindo-se na esteira de lutas identitárias e disputas por reconhecimento.

À luz dessa afirmação, buscamos chamar a atenção para as formas pelas quais os modos de representação de sujeitas/os historicamente marginalizadas/os articulam-se a modos de endereçamento engendrados na materialidade audiovisual dos vídeos analisados, dadas a incontornável orientação do discurso para a interação com o outro, como nos lembra Volóchinov (2017), e a forma como esse discurso, invariavelmente dialógico⁵, convoca o/a espectador/a a assumir determinadas posições-de-sujeito.

Como veremos, essa articulação entre modos de representação de sujeitas/os historicamente marginalizadas/os e modos de endereçamento apresenta-se ao longo de todo o *corpus* analisado, materializando-se tanto na visibilização de repórteres e entrevistadas cujas vozes são legitimadas a partir de sua identificação como mulheres periféricas – e, em sua maioria também

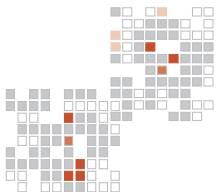
negras – quanto nos enquadramentos temáticos recorrentes nos vídeos, nos quais narrativas de vivências femininas e periféricas estruturam-se ora sob a chave da denúncia de uma *falta*, ora sob a chave da *afirmação* de uma identidade. Em ambos os casos, está em jogo a convocação do/a espectador/a ao reconhecimento social de tais vivências e das subjetividades nelas engendradas. No próximo tópico do trabalho, buscamos aprofundar essa proposição a partir do exame dos quatro operadores analíticos adotados na pesquisa.

Ao mesmo tempo, é preciso lembrar que o gênero diz respeito à produção de “um sujeito ‘engendrado’ não apenas na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido” (LAURETIS, 2019, p.123). É precisamente neste sentido que propomos considerar o gênero como lente a partir da qual a produção audiovisual de coletivos periféricos de jornalismo deve ser observada, com destaque para a forma como seus modos de endereçamento articulam-se à experiência de sujeitas/os constituídas/os por marcadores múltiplos de diferença.

Para tanto, construímos um *corpus* de análise composto por 22 vídeos publicados no canal de *Nós, Mulheres da Periferia* no YouTube entre 2020 e 2021⁶. O quadro a seguir apresenta os títulos de todos os vídeos do *corpus*, bem como a data de publicação e a duração de cada um. Embora haja, no YouTube do coletivo, vídeos mais antigos, elegemos o ano de 2020 como marco inicial de nosso levantamento tendo em vista a maior vulnerabilidade a que a população pobre, negra

5 Conceito central à obra do chamado Círculo de Bakhtin, o dialo-gismo diz respeito à interação entre diferentes posições semântico-axiológicas como aspecto constitutivo da linguagem e da cultura, configurando a própria “condição do sentido do discurso” (BARROS, 2003, p. 2).

6 Do conteúdo publicado entre 2020 e 2021 no canal do coletivo, foram desconsiderados apenas, na construção do *corpus* de pesquisa, vídeos institucionais e de divulgação de produtos relacionados ao coletivo; *lives* da série *Conversa de Quintal*, de 2021; e trechos do *podcast Conversa de Portão*.

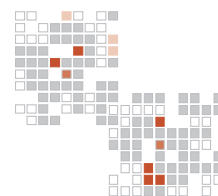


e periférica esteve sujeita durante o período de pandemia de Covid-19⁷, dado que se reflete na presença expressiva de vídeos dedicados a essa temática no canal e em nosso *corpus* analítico.

Detalhamento do *corpus* analítico da pesquisa

Título do vídeo	Data de publicação	Duração
Um exército de mulheres: elas são arrimo de família mesmo sem renda fixa	30 abr. 2020	3'37"
'Bolsonaro não gosta de pobre, só de rico', desabafa moradora da zona sul de SP	19 mai. 2020	4'56"
'Nunca dá pra respirar': protesto em SP no dia 7 de junho	11 jun. 2020	1'32"
ENTREGADORAS DE APPS EM SP	30 jun. 2020	7'19"
LIMPEZA DE CASA EM TEMPOS DE COVID-19	10 jul. 2020	2'47"
VOLTA ÀS AULAS EM SP: QUAIS SÃO AS PREOCUPAÇÕES DE MÃES E PROFESSORAS?	22 jul. 2020	5'52"
Trabalhadores da Saúde na linha de frente no combate à pandemia	28 jul. 2020	1'47"
AUMENTO DO PREÇO DO ARROZ NA PERIFERIA	18 set. 2020	2'28"
Pais e educadores respondem: como falar sobre racismo com crianças?	21 out. 2020	8'07"
QUANDO SAI A VACINA CONTRA A COVID-19?	30 nov. 2021	8'09"
Eleições 2020	30 nov. 2020	9'50"
O que esperarmos para 2021?	22 dez. 2020	4'59"
Às mulheres cuidaram de suas comunidades este ano: OBRIGADA	22 dez. 2020	10'40"
Vacinadas: Nair Augusto Geremias	09 mar. 2021	6'47"
Raimunda Boaventura: Ser cidadã é ter direito ao alimento e não ser discriminada	12 mai. 2021	12'56"
Priscila Obaci: "Criança é responsabilidade da mãe quando está no ventre, quando sai é de todos"	06 ago. 2021	8'31"
Mãe, avó e filha: a rede de apoio entre mulheres da mesma família	06 ago. 2021	5'31"
POESIA DELAS: ENTREVISTA COM SUZI SOARES	08 nov. 2021	8'53"

7. Segundo estudo do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a mortalidade por Covid-19 no Brasil, até maio de 2020, já era maior entre pessoas negras, pardas e pobres; para se ter uma ideia, no período em questão, a taxa de mortalidade, entre casos confirmados de infecção pelo então novo coronavírus, chegava a 55% entre pretos e pardos, ante 38% entre pessoas brancas (GRAGNANI, 2020). Ao mesmo tempo, mulheres negras representam o grupo mais vulnerável do ponto de vista econômico no contexto da crise agravada pela pandemia de Covid-19; de acordo com estudo divulgado pelo Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo, o percentual de mulheres negras vivendo na linha da pobreza passou de 33% para 38% entre abril de 2020 e o mesmo mês em 2021 (NASSIF-PIRES; CARDOSO; OLIVEIRA, 2021).



POESIA DELAS: ENTREVISTA COM ROSE DÓREA	15 nov. 2021	7'42"
POESIA DELAS: ENTREVISTA COM ELIZANDRA SOUZA	22 nov. 2021	8'32"
POESIA DELAS: ENTREVISTA COM ÉRICA PEÇANHA DO NASCIMENTO	29 nov. 2021	13'41"
O Valor da Escola: a importância da escola em várias fases da vida	24 dez. 2021	3'15"

Fonte: Própria(s) autor(as).

Os vídeos do *corpus* deste trabalho, assim como os demais vídeos publicados no canal do coletivo *Nós, Mulheres da Periferia* até o momento em que este artigo é escrito, têm, como local de produção, a cidade de São Paulo. Em todos eles, são representadas realidades de bairros periféricos de São Paulo e de outros municípios da região metropolitana da capital paulista. Em relação à sua autoria, os vídeos analisados, salvo poucas exceções⁸, não apresentam ficha técnica, sendo creditados como produções coletivas do *Nós*.

3. Modo de endereçamento e gênero em vídeos de *Nós, Mulheres da Periferia*

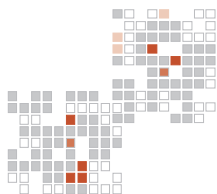
A produção audiovisual de *Nós, Mulheres da Periferia* disponibilizada em seu canal no YouTube mostra-se significativamente desigual, quantitativa e qualitativamente, ao longo do período observado. A publicação dos vídeos na plataforma não segue uma periodicidade identificável, salvo raras exceções, como a série “POESIA DELAS”, que teve conteúdos postados semanalmente ao longo do mês de novembro de 2021. Em relação à sua duração, os vídeos são em geral curtos, mas apresentam variações expressivas, oscilando entre cerca de um e treze minutos.

Foge aos objetivos e às possibilidades deste artigo a proposição de uma tipologia dos formatos explorados pelo coletivo em sua produção

8 É o caso dos quatro vídeos da série “Poesia Delas”, que têm roteiro e entrevistas de Livia Lima, direção audiovisual de Semayat Oliveira, direção de arte de Gabi Arte e edição de som e imagem de Mariana Prudêncio.

audiovisual; é preciso observar, não obstante, que essa produção se apresenta bastante diversa. É possível encontrar, por exemplo, vídeos de cobertura de fatos da atualidade, a exemplo de “Nunca dá para respirar’: protesto em SP no dia 7 de junho”, publicado em 11 de junho de 2020; materiais que apresentam depoimentos individuais (caso do vídeo “Vacinas: Nair Augusto Geremias”, de 9 de março de 2021) ou compilados de relatos (“O que esperamos para 2021?”, de 22 de dezembro de 2020); análises de temas ou acontecimentos, a exemplo dos vídeos “Pais e educadores respondem: como falar sobre racismo com crianças?”, de 21 de outubro de 2020, e “Eleições 2020”, de 30 de novembro do mesmo ano; reportagens em profundidade sobre vivências de mulheres periféricas, como é o caso dos vídeos “Às mulheres que cuidaram de suas comunidades este ano: OBRIGADA”, de 22 de dezembro de 2020, e “Raimunda Boaventura: Ser cidadã é ter direito ao alimento e não ser discriminada”, de 13 de maio de 2021; e pequenas séries temáticas, como as intituladas “As mães que me criaram” e “Poesia delas”, publicadas a partir de meados de 2021, pouco depois de o coletivo divulgar seu novo projeto editorial⁹.

9 O anúncio do novo posicionamento foi marcado pelo lançamento do vídeo institucional “Nós: um jeito de ver o mundo, publicado em 30 de julho de 2021 no canal do YouTube, e pela realização, na mesma data, da *live* “Mulheres negras e jornalismo: um jeito de ver o mundo”, parte da série de transmissões ao vivo intitulada “Conversa de quintal”. Esse momento marca o início de uma fase mais profissional na produção audiovisual do coletivo, que passou a publicar vídeos mais coesos, do ponto de vista dos conteúdos e de formatos, com nova identidade visual e com maior regularidade.



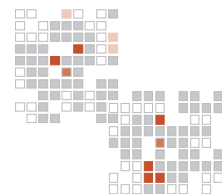
Em relação à caracterização dos modos de endereçamento, procuramos identificar, por meio dos operadores analíticos propostos, regularidades estilísticas nos vídeos de *Nós, Mulheres da Periferia*. No caso do **contexto comunicativo**, primeiro indicador considerado, trata-se de compreender os “modos como os emissores se apresentam, como representam seus receptores e como situam uns e outros em uma situação comunicativa concreta” (GOMES, 2011, p. 39). Dessa forma, a produção do coletivo pode ser caracterizada como resultado do trabalho de uma redação jornalística formada por mulheres representadas como periféricas majoritariamente negras, que produzem conteúdos com o objetivo de visibilizar perspectivas e histórias de mulheres negras e periféricas, dirigindo-se a um público prioritariamente (ainda que não exclusivamente) feminino, como evidencia a forma como o coletivo é apresentado em seu *site* oficial (NÓS, s./d., *online*). Nesse sentido, tanto a forma como as sujeitas emissoras se apresentam quanto a enunciação do objetivo da situação comunicativa em questão (i.e., visibilizar vivências de mulheres negras e periféricas) são atravessadas por marcadores de gênero, raça, classe e território.

Ao mesmo tempo, sabendo que o contexto comunicativo abarca, segundo Gomes (2011), as formas como os objetivos da produção são apresentadas não apenas explícita, mas também implicitamente, aspectos como ambientes e cenários, por exemplo, bem como recursos de produção, captação e edição, devem ser considerados. No primeiro caso, destaca-se a mobilização de marcadores de território, já que o principal espaço de ambientação das reportagens diz respeito ao próprio espaço urbano da periferia, representado a partir de diferentes bairros da cidade de São Paulo (Perus e Jardim Miriam são alguns dos que aparecem com maior frequência); também se destacam, nessas representações periféricas, espaços domésticos

e comunitários, a partir de imagens captadas nas casas das mulheres entrevistadas (como veremos, uma das principais características da forma como a identidade da mulher periférica é afirmada nos vídeos diz respeito à diluição das fronteiras entre espaços doméstico/familiar, público/comunitário).

Já no segundo caso, marcadores de classe social são dados a ver em um processo produtivo baseado no uso de recursos técnicos limitados, em que predominam captações realizadas por aparelho celular, com uso ocasional de microfone; não são raras as imagens que evidenciam uma estética própria das *selfies*, como é comum em redes sociais digitais, em que as entrevistadas e/ou repórteres falam olhando diretamente para a câmera, posicionada à sua frente. A montagem dos vídeos evidencia um emprego de recursos de edição simples, com destaque para o uso de textos sobrepostos a imagens, trilha sonora e vinheta do coletivo; além disso, as sequências (compostas, em sua maioria, por longos trechos de depoimentos das mulheres entrevistadas) apresentam poucos cortes. Tudo isso coloca em evidência o principal objetivo da produção: a visibilização e valorização das vozes de mulheres negras e periféricas.

Dessa forma, as circunstâncias espaço-temporais do processo comunicativo são caracterizadas, em primeiro lugar, pela coincidência entre o lugar social da produção e o lugar social da realidade representada, lugar este identificado a partir de marcadores de gênero e território, principalmente, mas também de raça e classe; em segundo lugar, esta coincidência se desloca *parcialmente* – e sublinhemos aqui a palavra “parcialmente” – quando olhamos para a forma como o lugar de recepção é representado: isso porque, ao mesmo tempo em que *Nós, Mulheres da Periferia* afirma ter como objetivo “produzir o melhor conteúdo para mulheres” (NÓS, s./d., *online*), os vídeos mobilizam



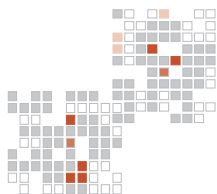
expedientes discursivos que sugerem o direcionamento para um espectador presumido não necessariamente limitado por marcadores de gênero e território, dado evidenciado no objetivo editorial de “democratizar o debate público e aproximá-lo da realidade brasileira” (NÓS, s./d., *online*).

Esse duplo posicionamento do espectador – presumido/a como prioritária, ainda que não exclusivamente, feminino e periférico – parece materializar-se em elementos próprios ao tom das reportagens, que, não obstante sejam produzidas por jornalistas que se identificam como mulheres periféricas, recorrem a mecanismos de produção de efeitos de sentido de distanciamento em relação à realidade representada; é o caso, por exemplo, do predomínio do uso da terceira pessoa e formas verbais correlatas. Ao mesmo tempo, a presença desse tom *parcialmente* distanciado em relação às vivências periféricas representadas parece dever-se tanto a estratégias narrativas recorrentes nas reportagens quanto à forma como o/a mediador/a é posicionado/a nos vídeos – como veremos adiante.

De fato, estes últimos pontos parecem sugestivos dos acordos tácitos que sustentam o **pacto sobre o papel do jornalismo** subjacente à produção audiovisual de *Nós, Mulheres da Periferia*. Segundo operador analítico utilizado na pesquisa, ele diz respeito à forma como produtos específicos atualizam premissas, valores, convenções e normas do campo jornalístico, que se fazem perceber de forma explícita ou implícita, por meio de recursos verbais e/ou escolhas técnicas de imagem e som (GOMES, 2011). No caso do objeto em foco neste trabalho, discursos estruturantes do campo jornalístico são atualizados a partir do reconhecimento quanto às singularidades das experiências dos/as sujeitos/as sociais formados/as na intersecção de marcadores de gênero, raça, classe e território. É o que mostram os compromissos editoriais

assumidos pelo veículo, que destacam a função democrática do jornalismo na promoção de um debate público qualificado, ao mesmo tempo em que defendem que esse debate só poderá ser verdadeiramente democrático quando forem ouvidos os anseios da maioria da população, formada por mulheres negras, pobres e residentes em periferias, historicamente vítimas de silenciamento no Brasil.

Essa atualização dos acordos tácitos sobre o papel do jornalismo na sociedade fica evidente quando consideramos aspectos como as relações estabelecidas com as fontes e as formas como a apresentação das informações é “*emoldurada*” nos vídeos analisados: isso porque, por um lado, a seleção e representação das fontes é direta e explicitamente guiada por marcadores de gênero e território (as entrevistadas são sempre mulheres periféricas, identidade que as habilita a falar nos vídeos produzidos pelo coletivo); ao mesmo tempo, por outro lado, encontramos nas reportagens quadros narrativos que priorizam efeitos de sentido de distanciamento entre jornalistas e entrevistadas. Esses quadros narrativos ficam particularmente evidentes em reportagens que buscam “apresentar” para o espectador experiências vivenciadas por mulheres periféricas: é o caso, por exemplo, do vídeo “Raimunda Boaventura: Ser cidadã é ter direito ao alimento e não ser discriminada”, publicado em 13 de maio de 2021, que tem início com imagens de uma casa simples cobertas pela narração da repórter Semayat Oliveira, que diz: “Nesse exato momento, você está entrando na casa da dona Raimunda Boaventura. Ela mora no bairro do Leme, que fica na cidade de Taboão da Serra”. Neste caso, a pressuposição de um espectador como não necessariamente familiarizado com as experiências representadas parece levar à adoção de um quadro narrativo baseado em uma proposta de (re)familiarização em relação a vivências femininas e periféricas.



Em relação ao terceiro operador analítico mobilizado na pesquisa, é justamente **o/a mediador/a**, segundo Gomes (2011), que confere identidade a cada diferente produto no jornalismo audiovisual. Em *Nós, Mulheres da Periferia*, o primeiro dado que chama a atenção é o fato de, à diferença do telejornalismo de referência, o/a mediador/a nem sempre se posiciona explicitamente nos vídeos; desse modo, não são raros os casos de reportagens estruturadas sem a mediação explícita de um/a repórter; da mesma forma, em muitos vídeos, a presença das repórteres é evidenciada de forma apenas discreta, como quando há a manutenção, no produto final, da captação em áudio das perguntas feitas a entrevistadas que apresentam seus relatos, sem que haja qualquer materialização imagética ou nomeação da figura do/a mediador/a.

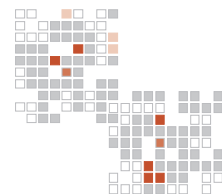
Há também, por outro lado, *vídeos em que* as repórteres têm sua corporeidade e identidade claramente representadas: no período observado, um dos casos mais antigos é o de “QUANDO SAI A VACINA CONTRA A COVID-19?”, de 30 de novembro de 2020, vídeo apresentado por Jéssica Moreira, que coleta depoimentos de suas “vizinhas” para entender “os anseios, as dúvidas, o que elas estão achando sobre esse debate todo em torno da vacina”. Outro exemplo pode ser encontrado no vídeo “Eleição 2020”, publicado na mesma data, em que a repórter Semayat Oliveira apresenta um panorama sobre o pleito municipal daquele ano e introduz entrevistadas que fazem análises sobre os impactos do cenário político de São Paulo para mulheres negras, periféricas e trans. Em ambos os casos, as mediadoras são mulheres negras e jovens, que se identificam como moradoras de periferia – reconhecendo-se como parte da realidade social representada.

Além disso, ao mesmo tempo em que falam diretamente à câmera (ao/à espectador/a), como é comum em vídeos testemunhais produzidos

para redes sociais digitais, as repórteres recorrem, como temos apontado, a estratégias discursivas de produção de efeitos de sentido de impessoalidade e distanciamento frequentes no telejornalismo de referência. Dessa forma, afirmam-se a partir de um lugar social identificado tanto pela intersecção de marcadores de gênero, raça, classe e território – isto é, a partir de seu posicionamento enquanto mulheres negras e periféricas – quanto por sua posição como jornalistas profissionais: é desse duplo posicionamento que o lugar de mediação dos vídeos do coletivo busca investir-se de legitimidade.

Finalmente, quando consideramos a **organização temática** dos vídeos de *Nós, Mulheres da Periferia*, encontramos a priorização de assuntos e enfoques que colocam em evidência um direcionamento prioritário – ainda que não exclusivo, como temos afirmado – para um público feminino e periférico. Isso porque marcadores de *gênero*, raça, classe e território orientam a arquitetura da organização temática no conjunto dos vídeos analisados, que priorizam, entre as pautas abordadas, experiências e perspectivas de mulheres habitantes das periferias da Grande São Paulo, em sua maioria negras; assim, são abordados assuntos como a importância da rede de apoio na maternidade, práticas de cuidado com a família e a comunidade e o racismo na infância. Marcadores de gênero e território também se mostram decisivos à angulação conferida a pautas de interesse geral – como nos casos de vídeos que se apresentam como registros de relatos de mulheres periféricas sobre temas como vacinação, educação ou pandemia –, determinando diretamente a escolha das fontes ouvidas nas reportagens.

No breve espaço deste artigo, *é possível destacar dois enquadramentos* que se mostram recorrentes no conjunto do *corpus* analisado, a saber: a representação das vivências de mulheres periféricas a partir do registro de



uma *falta a ser superada*, presente em vídeos de caráter denunciativo, como nas reportagens “ENTREGADORAS DE APPS EM SP”, “LIMPEZA DE CASA EM TEMPOS DE COVID-19” e “AUMENTO DO PREÇO DO ARROZ NA PERIFERIA”, publicadas em 30 de junho, 10 de julho e 18 de setembro de 2020, respectivamente; e a recorrência a *estratégias de afirmação* de identidades femininas, negras e periféricas a partir da valorização de vivências coletivas, como ocorre no vídeo “Às mulheres que cuidaram de suas comunidades este ano: OBRIGADA”, de 22 de dezembro de 2020, e nas séries “As mães que me criaram” e “POESIA DELAS”, ambas lançadas em 2021. No caso desta estratégia afirmativa, destaca-se a valorização de redes de apoio e diferentes modalidades de ativismo nas periferias, bem como a visibilização de formas de vivência comunitária e laços de afeto e solidariedade entre familiares e vizinhas.

4. Considerações finais

A partir da análise proposta neste trabalho acerca da produção audiovisual de *Nós, Mulheres da Periferia*, verificamos que as diferenças de gênero – entendidas como diferenças homem/mulher, mas também enquanto diferenças raciais, de classe e território – atuam discursivamente como elementos centrais à materialização de singularidades estilísticas presentes nos vídeos disponibilizados no canal do coletivo no YouTube.

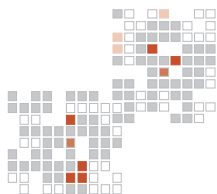
Como vimos, marcadores de gênero – mas também de território, classe e raça – constituem elementos determinantes à forma como o posicionamento do/a mediador/a é *construído* em vídeos de *Nós, Mulheres da Periferia*, já que a atuação das repórteres é *legitimada* por sua posição social não apenas como jornalistas profissionais, mas também como mulheres periféricas e, em sua maioria, negras. Não à toa, a propósito do pacto sobre o papel do jornalismo, observamos

uma atualização de discursos constituintes do campo jornalístico à luz do debate sobre gênero e suas interseccionalidades, como evidenciado explicitamente pelos princípios editoriais afirmados pelo coletivo.

Já no caso do contexto comunicativo, relações e marcadores de gênero mostram-se decisivos à forma como se constroem as identidades dos lugares de produção e recepção, já que os vídeos se dirigem a um público presumido entendido como prioritariamente feminino e periférico – embora, vale lembrar, sejam mobilizados também expedientes discursivos que presumem uma eventual recepção por espectadores/as que não conheçam de perto as vivências das mulheres negras e periféricas representadas.

Dessa forma, os enquadramentos temáticos presentes no vídeos e as estratégias de representação a eles relacionadas apontam para a convocação de práticas de recepção pautadas ora pela possível identificação diante histórias de vida que colocam em cena a valorização da diversidade e da diferença; ora pelo reconhecimento das sujeitas negras e periféricas enquanto sujeitas plenas de direito e cidadania, a partir de enunciados pautados pela denúncia de injustiças sociais profundas e estruturais que se traduzem em uma desvalorização sistemática.

Nesse sentido, é possível identificar, na produção audiovisual do coletivo, a representação de posições-de-sujeito políticas que respondem alternativamente àquelas predominantes na cobertura de telejornais de referência. Em parte dos vídeos de *Nós, Mulheres da Periferia*, essa tendência se manifesta na preocupação em visibilizar a visão de mulheres negras e periféricas sobre temas sociais, políticos e econômicos de interesse geral, a exemplo das eleições municipais; em outros casos, encontramos uma politização das experiências cotidianas dessas mulheres, que abarcam temas como a maternidade, o racismo, a educação das crianças, o cuidado com a família e



a comunidade. Se, por um lado, a representação de subjetividades periféricas materializa aspectos próprios às lutas identitárias, por outro lado, ela remete à luta por reconhecimento a partir de uma perspectiva universalizante sobre injustiça social, ecoando aspectos já identificados por Soares e Venanzoni (2020) a propósito da produção de coletivos jornalísticos.

Finalmente, devemos observar que a produção audiovisual de *Nós, Mulheres da Periferia* coloca em cena a discussão sobre possibilidades de resistência a partir de iniciativas de comunicação nas/das periferias. Como afirma Lugones, “Em nossas existências colonizadas, atribuídas

de gênero e oprimidas, somos também algo diferente daquilo que a hegemonia nos faz ser – essa é uma conquista infrapolítica” (LUGONES, 2019, p. 362). Acreditamos que é justamente nesse sentido que a construção de representações não hegemônicas em vídeos do coletivo lança luz sobre a existência de aberturas para a instauração de processos de resistência por meio do engendramento de posições-de-sujeito apenas parcialmente oprimidas: isto é, subjetividades que, pela afirmação de sua condição periférica, revelam-se, simultânea e complexamente, capazes de potencialmente resistir a uma colonialidade dos gêneros.

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. *In*: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 1-9.
- GOMES, Itania Maria Mota. Metodologia de Análise de Telejornalismo. *In*: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 17-47.
- GRAGNANI, Juliana. Por que o coronavírus mata mais as pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo. **BBC News Brasil**, 12 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421>. Acesso em: 06 nov. 2022.
- HARTLEY, John. **Understanding News**. London: Routledge, 2001.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121-155
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 357-377.
- MARTINI, Mara Rovida. As periferias pelos periféricos: um fenômeno jornalístico contemporâneo. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 1, p.50-65, jul./dez. 2018.
- NASSIF-PIRES, Luiza; CARDOSO, Luisa; OLIVEIRA, Ana Luíza Matos de. Gênero e raça em evidência durante a pandemia no Brasil: o impacto do Auxílio Emergencial na pobreza e extrema pobreza. Nota de Política Econômica nº 010. **MADE/USP**, 22 abr. 2021. Disponível em: <https://madeusp.com.br/wp-content/uploads/2021/04/NPE-010-VF.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2022.
- NATALINO, Marco Antonio Carvalho. O discurso do telejornalismo de referência: criminalidade violenta e controle punitivo. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. Nós, mulheres da periferia, 2021. Manifesto. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/manifesto/>. Acesso em: 11 fev. 2022.
- NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. Nós, mulheres da periferia, [s./d]. Quem somos. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 11 fev. 2022.
- PEDRINA, Bianca; MOREIRA, Jéssica; PENINA, Mayara; OLIVEIRA, Semayat; SILVA, Patrícia. Nós, Mulheres da Periferia. **Folha de S. Paulo**, Tendências/Debates, 7 mar. 2012. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/29772-nos-mulheres-da-periferia.shtml>. Acesso em: 28 out. 2022.
- SOARES, Rosana. SIQUEIRA Thiago. O mal-estar na representação: das lutas identitárias ao reconhecimento social. *In*: SOARES, Rosana de Lima; GOMES, Mayra Rodrigues (Orgs.). **Narrativas Midiáticas: crítica das representações e mediações**. São Paulo: ECA-USP, 2020. p. 40-65.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- ZAMIN, Angela. “Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão”. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 918-942, set./dez.2014.

